

**RUPTURA DA NORMALIDADE OU CONSTRUÇÃO DE ATUALIDADE?
Tensionamentos entre acontecimento e acontecimento jornalístico**

Bárbara Lopes Caldeira¹

Resumo:

Este artigo busca tensionar a noção pragmatista de acontecimento, que parte das reflexões de John Dewey, G. H. Mead e Louis Queré, e certa visada jornalística acerca do fenômeno, proposta por autores que seguem uma perspectiva compreendida como construtivista. A segunda abordagem, que toma o acontecimento como uma construção engendrada pelas processualidades da atividade jornalística, questiona, em certa medida, a ideia de ruptura da normalidade defendida por Queré, ancorando-se nas discussões sobre temporalidade e sentido de atualidade intrínsecas ao fazer noticioso.

Palavras-chave: Acontecimento. Jornalismo. Temporalidade. Atualidade. Narrativa.

1. O acontecimento e tensionamentos possíveis

O que é um acontecimento? Como pode ser pensado, conceituado, percebido no campo da Comunicação? Há uma maneira de ponderar o acontecimento que parece ser tipicamente jornalística? A ideia deste artigo é esboçar algumas reflexões sobre essas questões a partir do tensionamento entre as noções pragmatistas acerca das interações, da experiência e do acontecimento, especialmente a partir Mead, Dewey e Queré e os questionamentos levantados por Elton Antunes em *Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico* (2008), contrapondo acontecimento e acontecimento jornalístico que, para Antunes, não são fenômenos equivalentes. A concepção, que parece tipicamente jornalística, ancorada em uma ideia de construção, traz para uma arena de debate o conceito de acontecimento como uma ruptura da normalidade, como preconizada pelos pragmatistas, introduzindo provocações sobre a possibilidade de previsibilidade com a qual o jornalismo se engendra. “Os valores-notícia e os enquadramentos que são operados em cada veículo ficam ‘a espreita’ do acontecimento, o que faz com que sua aparição seja bem menos ligada a uma ideia de ruptura como normalmente se associa” (ANTUNES, 2008, p. 3).

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais – PPGCOM UFMG. E-mail: barbaralopescaldeira@gmail.com.

O percurso proposto aqui envolve tecer relações entre as considerações de Queré, que situa a comunicação na esfera da ação, intervenção e experiência humana, em sua dimensão social e simbólica; as contribuições de Mead, que volta seu olhar para a dimensão relacional dos atos sociais; e de Dewey, que pensa na experiência humana como uma espécie de travessia. Um segundo momento abarca o esforço de perceber como o jornalismo pode operar com outra noção de acontecimento, marcadamente jornalístico e com reflexões sobre temporalidade, a partir de autores como Chareau, Arcquembourg-Moureau, Ricoeur e Sodré, para quem a notícia é uma “maneira específica de estruturação de tempo a partir de sua relação particular com esse movimento regular que caracteriza o ritmo” (ANTUNES, 2008, p. 5).

Antunes convoca-nos, a partir de Arcquembourg-Moureau, para uma visada na qual os acontecimentos se transformam em acontecimentos midiáticos a partir de três instâncias temporais: o tempo da emergência, o da demanda de sentido e inteligibilidade e o tempo do reconhecimento. Para o autor:

O acontecimento jornalístico é antes de tudo uma “falha geológica que se revela na superfície da experiência. Mostra que acontecimentos não se referem apenas àquilo que alguém pode experimentar no contexto de sua a o imediata, mas também o que pode ser trazido até ela por uma narrativa. (ANTUNES, 2008, p. 13)

Nesse mesmo movimento, será desenvolvida uma breve discussão acerca da temporalidade e da constitui o de um sentido de atualidade acionados pelo jornalismo, que parecem ativar outra concep o acerca do acontecimento.

2. A no o pragmatista do acontecimento a partir de Dewey, Mead e Quer 

Os aprofundamentos mais demarcados sobre o acontecimento e indispensáveis reflexões acerca desse fen meno são desenvolvidos, dentro da seara dos autores a quem podemos chamar de pragmatistas, muito fortemente pelo sociólogo e pesquisador francês Louis Quer  (2005, 2012). Suas ideias, porém, ancoram-se principalmente nos estudos empreendidos por Mead e Dewey, nomes proeminentes da Escola de Chicago,

que refletem sobre as interações e a dimensão da experiência em termos sociológicos e que podem ser apropriados, de forma proveitosa, para o campo da Comunicação.

É necessário, então, partir de Mead e Dewey — especialmente, a partir de França e Simões, que observam o acontecimento nesses autores —, compreendendo suas noções sobre as práticas e atos sociais, para apreender de onde Queré se vale para o entendimento do acontecimento e suas especificidades. Mead é conhecido, como observa Vera França (2008), pela perspectiva interacional que marca seu pensamento. Uma das considerações mais marcantes, como destaca França, é a maneira como Mead articula sociedade e indivíduo, superando um tensionamento dicotômico:

Numa crítica à filosofia da consciência e às perspectivas internalistas (ao subjetivismo), Mead se ocupou em investigar a correlação entre a experiência e as condições onde ela se produz. A ideia do “ato completo” incorpora, numa dinâmica reflexiva, a *sociedade*, o *self* e o *espírito* (ou mente) — três categorias analíticas que Mead aciona para ultrapassar a dicotomia entre indivíduo e sociedade, entre consciência de si e consciência coletiva. (FRANÇA, 2008, p. 74)

As três instâncias propostas por Mead são importantes para a constituição de um lugar para se pensar a comunicação em uma posição de destaque, muito embora o teórico não tenha sido exatamente filiado ao campo. Para França, “a comunicação não constituiu a preocupação central de Mead, mas seu principal eixo explicativo” (2008, p. 75), possibilitando a superação dos dualismos entre interior e exterior, mente e conduta, individual e coletivo. Em outros termos, “a comunicação se inscreve em sua descrição do ato social, e diz respeito aos *gestos* que o realizam. Os gestos fazem parte do ato social; eles estabelecem o início do ato e constituem um estímulo para outros organismos que dele participam” (2008, p. 75).

Pensando no campo comunicacional e se aproximando de uma reflexão acerca de um conceito de acontecimento, é possível inferir que a comunicação, nessa perspectiva, não se encerra em um esquema de estímulo e resposta por meio de um *gesto*, um mecanismo que permite o “ajustamento entre as ações dos indivíduos”, mas decorre da natureza de tais gestos. A consciência da significação desses gestos por parte dos indivíduos permitiria, de acordo com Mead, que o organismo que provoca o estímulo afete não só outro organismo, mas também a si mesmo, um duplo poder de

afetação. Se dois indivíduos encontram-se igualmente implicados e modificados pelas trocas comunicativas, é possível pensar que os processos de significação emergentes dessas interações nunca são estanques, mas constantemente reconfigurados a cada nova troca.

John Dewey, outro notável pragmatista, compartilha a perspectiva interacional da experiência defendida por Mead. Simões (2014) observa que Dewey enfatiza a experiência como uma travessia marcada por dupla dimensão: “a experiência se constitui a partir da ação de um indivíduo, que inicia o percurso e, ao mesmo tempo, sofre algo em consequência daquela primeira ação” (2014, p. 175). Relacionando ambiente e organismo, Dewey situa a experiência na esfera da ação, o que também aciona sua carga de mutabilidade a partir de cada nova interação. Sobre o conceito de experiência a partir desse autor da Escola de Chicago, Simões afirma:

Ela se constitui na transação entre o agir e o reagir, entre o produzir e o sofrer, os quais, por sua vez, orientam as ações futuras. Nesse processo, tanto a criatura viva como o aspecto do mundo com a qual ela interage se adaptam à situação vivida e se transformam mutuamente. Evidencia-se, assim, o papel transformador do sujeito e do mundo através da vivência de uma experiência. (SIMÕES, 2014, p. 175)

O acontecimento é visto no seio pragmatista, assim, como algo que se destaca em um contexto, um “saliente descrito e narrado”, que assume uma nova condição de existência a partir de um processo de simbolização. Apreendido por sua dimensão de mudança existencial, o acontecimento localiza-se, assim, no presente, flertando com passado, fazendo apontamentos, e futuro, inaugurado por esse gesto modificador. Simões considera então que, tanto para Mead quanto para Dewey, o acontecimento é uma emergência na experiência, “um existente saliente que irrompe em um contexto e neste sofre mudanças e contingências. Ele emerge no presente e, com isso, constrói tanto um passado como um futuro” (2014, p. 176). Esse é o ponto inicial, então, para o pensamento de Queré acerca do acontecimento.

Na concepção do francês, o acontecimento é uma “emergência que instaura sentidos e rompe com a continuidade da experiência” (2014, p. 177). Vera França, em seu texto *O acontecimento e a mídia* (2012), parte de Queré para conceituar o acontecimento como “fatos que ocorrem a alguém; que provocam a ruptura e

desorganização, que introduzem uma diferença. Eles fazem pensar, suscitam sentidos, e fazem agir (têm uma dimensão pragmática)” (2012, p. 14). Nessa seara, o acontecimento está ligado, então, à ideia de ruptura da normalidade; algo que irrompe do cotidiano, provoca estranheza. Esmiuçando as características do fenômeno, França afirma que:

Inicialmente é importante lembrar que um acontecimento acontece *a alguém*; ele não é independente nem autoexplicativo, não são suas características intrínsecas que fazem o seu destaque, mas o poder que ele tem de afetar um sujeito – uma pessoa, uma coletividade [...]. Este primeiro aspecto nos permite uma conclusão importante: os acontecimentos se inserem em nossa experiência, na experiência humana, no âmbito de nossa vivência. (FRANÇA, 2012, p. 13)

Outros dois aspectos são fundamentais para a compreensão do acontecimento como tal. O acontecimento, em sua essência, seria portador de uma diferença, rompendo o esperado. Como consequência, a terceira característica principal: o acontecimento como gatilho para fazer pensar, refletir e agir. É interessante notar, como Simões observa, que Queré assumidamente busca se afastar do que ele chama de uma perspectiva “construtivista” do acontecimento, que entenderia o fenômeno, de uma maneira mais radical, “menos como uma ocorrência no mundo e mais como um esquema de percepção e de apresentação da realidade construído pela mídia” (2014, p. 177). Perceber o acontecimento como aquilo que se configura como notícia, ou seja, aquilo que é essencialmente construído como tal pelo jornalismo, em uma visão midiacêntrica, carrega consigo o problema do esvaziamento das práticas e atos sociais, da esfera do cotidiano. Como pondera Simões,

De acordo com Queré, a abordagem construtivista tem o mérito de evidenciar que os acontecimentos são sempre construções, não existem como dados *a priori*. Entretanto, ela toma o acontecimento como sendo apenas o relato disponibilizado através das notícias, negligenciando uma dimensão central que é a ocorrência dele na experiência dos sujeitos. (SIMÕES, 2014, p. 179)

Também se relaciona com a perspectiva construtivista, para Queré, a hipótese do *agenda setting*, que tomaria o acontecimento como aquilo que tem a capacidade de reter a atenção pública, seja da mídia, do público ou dos atores públicos. Mais uma vez, a partir de lentes pragmatistas, a perspectiva construtivista parece empobrecedora por

privilegiar uma das dimensões do acontecimento, que diz de sua visibilidade e hierarquização no contexto midiático, deixando de lado um conjunto de relações sociais. No momento seguinte, no tensionamento com uma visão de acontecimento jornalístico mais pautado na ideia de construção, é plausível perceber, no entanto, que parece possível que as noções coexistam e admissível que se pense no acontecimento como construção sem abandonar a esfera da experiência do indivíduo, escapando de uma postura midiocêntrica pretensiosa, a partir de reflexões sobre a temporalidade e sentido de atualidade.

3. Seria o acontecimento jornalístico uma construção?

O percurso até aqui deixou clara a pertinência das reflexões pragmatistas acerca do acontecimento, pensado a partir das trocas sociais e vinculado, essencialmente, à experiência dos indivíduos. Também foi possível notar que uma visão midiocêntrica quanto ao fenômeno pode estancar sua maior potência, que se encontra nas relações cotidianas. Porém, por mais delicada que pareça essa afirmação, pensar no acontecimento jornalístico como uma construção, como faremos a partir de agora, parece não implicar necessariamente na abolição da experiência dos sujeitos e a importância destes nas trocas comunicacionais. Não seria exatamente a experiência do sujeito a grande propulsora de uma significação do acontecimento? Na narratividade jornalística, as experiências não estão ali implicadas?

Em seu texto *Acontecimento, temporalidade e a construção de um sentido de atualidade no discurso jornalístico* (2008), o pesquisador Elton Antunes busca entender o discurso jornalístico da atualidade como um “efeito de sentido produzido a partir da associação a determinadas representações da figura de tempo”, refletindo sobre como a temporalidade incide sobre a enunciação jornalística e repensando, assim, a noção de acontecimento. Convocando Charaudeau (2006), Antunes afirma que a forma do discurso de informação da atualidade é por excelência o acontecimento e que os acontecimentos, em princípio, são “representações linguageiras do fluxo de experiência do mundo produzidos de uma fragmentação semântica” (2008, p. 2).

Para Antunes, por mais que exista uma relação intrínseca entre acontecimento e acontecimento jornalístico, os dois não devem ser tomados como fenômenos equivalentes. A ideia do acontecimento como aquilo que irrompe a normalidade, tal qual defendida pelos autores pragmatistas, especialmente Queré, parece se afastar, então, da dimensão do fazer jornalístico, que se engendra em outra lógica. O jornalismo, para Antunes, opera “em direção oposta a essa ideia de ruptura, promovendo a integração do ‘novo’ às categorias do já existente, como construído pelo sistema de informação e pela própria experiência social” (2008, p. 4). Parece haver, assim, um padrão que retém alguns acontecimentos em detrimento de outros, na tentativa de certa estabilização. Retomando as ideias de Arquembourg-Moreau (2003), Antunes preconiza que:

Do ponto de vista biográfico ou histórico, um acontecimento pode implicar uma quebra de expectativas, uma abertura para possibilidades não previstas. Mas a mídia faz emergir um acontecimento a partir de um ‘processo evenemencial’, no qual a desordem semeada pelo acontecimento, sua imprevisibilidade, é posta em um quadro contextual, em um mundo significado [...]. O acontecimento funciona, pois, como uma ocorrência inicial que demanda a construção de uma interpretação, sua transformação em fatos, em acontecimentos jornalísticos (ANTUNES, 2008, p. 4)

Nessa acepção, assim, os acontecimentos ocorrem e afetam alguém, constituindo-se a partir de duas visadas. Como explica o autor, “torna-se acontecimento jornalístico ou fato a partir de um olhar que busca estabelecer o contexto de sua emergência”, ou seja, um movimento que tenta explicar-lhe o sentido. Mas esse olhar é, essencialmente, um duplo olhar: “o acontecimento está na interseção entre um olhar que mostra, da instância de produção, e um olhar que vê, na instância da recepção”. Para Sodré (2006), o acontecimento não marcaria uma ruptura, mas o contrário: é ele quem produz um “ponto rítmico na temporalidade cotidiana”. Assim, é possível falar, inclusive, de certa previsibilidade do acontecimento.

O acontecimento jornalístico é a pontuação rítmica do fato. Este último é “pontuado” pelo código de produção da informação pública, não por motivo de ruptura do ordenamento do cotidiano, e sim pelo valor rítmico que o próprio sistema de informação atribui ao fato, de acordo com a intensidade de sua marcação, ou seja, de acordo com o que o jornalismo supõe que haja nele, ao mesmo tempo, de mais singular e de maior possibilidade de vinculação com

todos nós. Isto equivale a dizer que o fato não é necessariamente “pontual” em si mesmo, já que pode ser maior (ou menor) do que o acontecimento, tanto de modo a permitir o desdobramento temporal da notícia (a suíte ou seqüência de notícias), quanto para instalar a possibilidade da demonstração das causas e efeitos da ocorrência (...). Todo e qualquer fato tornado acontecimento pelo jornalismo implica uma pontuação rítmica, pouco importando se o acontecimento se deu no passado ou no presente contínuo (SODRÉ, 2006, p.8).

Em Sodré, o acontecimento não seria uma ruptura, e sim uma marcação, uma vez que a mídia é uma maneira específica de estruturar o tempo a partir de um ritmo, sendo a notícia uma espécie de “ritmista” que “cadencia de alguma maneira a passagem do ‘bloco’ da vida social” (2008, p. 6). A grande questão do acontecimento, então, estaria no sentido de atualidade: a composição textual da notícia operaria e articularia, de alguma forma, tal sentido. Para Antunes, a atualidade não seria uma qualidade intrínseca aos acontecimentos e, assim, da informação jornalística, mas uma forma de apresentar-se, “propor-se como”.

Cabe, aqui, uma articulação entre temporalidade, experiência e narração, compreendida a partir dos estudos de narrativas em Paul Ricoeur (1913-2005)². A narrativa é, nessa concepção, uma organização dos eventos que se estabelece de forma a criar sentido: é possível rearranjar a ação por meio de uma narratividade, mas não reproduzir a própria ação. A ação, aqui, pode ser compreendida na esfera da experiência humana, das trocas sociais. A relação entre tempo e narrativa, discutida por Ricoeur em sua trilogia “Tempo e narrativa”, parte do embate entre duas perspectivas, inicialmente antagônicas: o “tempo lógico” de Aristóteles e o “tempo da alma” de Santo Agostinho. Santo Agostinho se opôs à antiga afirmação grega, compartilhada por Aristóteles, de que o tempo era equivalente ao “movimento dos astros”, propondo uma nova acepção na qual tempo é interior e “passa-se na alma”. As considerações associam à alma humana uma tripla presença: a do passado, por meio da memória; a do presente, por meio da visão; e a do futuro, por meio da expectativa.

Mesmo aprofundando a questão da vivência humana e adiantando uma das noções comunicacionais mais caras aos estudos da mídia, a consideração de múltiplas

² Muitas dessas reflexões são oriundas de um mergulho mais aprofundado nas ideias de Ricoeur empreendido no artigo de nossa autoria *Fragments exponenciais: reflexões sobre a temporalidade das construções de narrativas jornalísticas de assassinatos em série e (re)configuração de sentidos*, apresentado no Intercom Sudeste 2015 - DT Jornalismo, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

temporalidades, a experiência de tempo agostiniana ainda se apresenta de maneira “interna” e subjetiva. É no embate entre as concepções temporais de Santo Agostinho — psicológica, pressupondo um movimento interior — e de Aristóteles que a perspectiva ricoeuriana emerge. Organizado à maneira de uma narrativa, o tempo torna-se “humano”, ao passo que a narrativa extrai o seu sentido da possibilidade de retratar aspectos da experiência temporal.

Observa-se que a dimensão da experiência, individual e coletiva, é uma constante na concepção de Ricoeur, que pode ser abarcado pela perspectiva construtivista do acontecimento. Não parece, assim, que o autor francês ignora a experiência cotidiana como acontecimento; antes, sua postura parece dotar essa experiência de importância ímpar, uma vez que evento e narrativa apresentam-se de forma intrínseca. A visão midiacêntrica, aqui, também não parece notória: apesar de Ricoeur pensar o que podemos chamar de acontecimento — embora o autor não use o termo com rigor teórico — a partir de uma narratividade, essa narratividade não é privilégio da mídia, mas de qualquer instância de construção de narrativa, até mesmo a oralidade. É possível esboçar, assim, que o acontecimento o é enquanto compartilhado, enquanto articulado em forma narrativa para que afete outros indivíduos e também se afete.

A mídia, ainda, especialmente o jornalismo, tensiona diferentes temporalidades: é ancorada no mote do presente, mas simultaneamente reorganiza o passado e estabelece projeções de futuro, em um processo de “sedimentação e estilhaçamento de tempos”, do qual falam os pesquisadores Antunes e Vaz (2006).

A mídia curto-circuita os tempos: ao mesmo tempo em que ela é padronizadora do tempo atual — ritmo e ordena cronologicamente o cotidiano —, ela põe também em circulação representações de relações temporais diversas, fazendo emergir outros tempos de outros estratos. São, no mesmo movimento, camadas superpostas e atravessadas. Se, por exemplo, é marca da mídia a promoção de uma obsolescência rápida, um interesse incomensurável pelo que passa — fazendo-o passar por ligeiro, ela o faz buscando também outros valores da ordenação temporal. Para tornar os tempos contemporâneos à experiência, a mídia dá visibilidade a tempos não contemporâneos. Daí que a mídia não somente transporte o tempo; ela faz o tempo. (ANTUNES; VAZ, 2006, p. 53)

Também o acontecimento não se institui de uma tripla temporalidade? Se ocorre no presente e não se encerra nele, articulando passado e futuro, as noções não parecem tão distantes assim. Além disso, a subjetividade da construção da narrativa jornalística, que mostra-se latente em uma dinâmica exponencial da fragmentação, também diz da afetação dos indivíduos no processo de comunicação. Constituidora e constituída por sujeitos, experiências e modos de ser e estar no mundo, a narrativa mostra-se, assim, indissociável da complexidade dos vínculos sociais, como reflete Leal (2006):

Dessa forma, ao se (re)constituir uma narrativa mediática, por exemplo, vai se observando que ela se compõe de textos diversos que, em si mesmos, são pequenas materializações das falas sociais. Articulados na superfície narrativa, esses textos podem dar a (re)conhecer um discurso socialmente abrangente, que, por sua vez, integra uma forma discursiva maior. Na relação textos/narrativa/discurso podem ser vistas, então, as condições para inserção e circulação dos falares sociais, das ideologias e da realidade da vida cotidiana. (LEAL, 2006, p. 24)

Sendo assim, é possível contrapor o receio de Quéré de que a perspectiva construtivista do acontecimento deixaria de fora as práticas e interações sociais. É exatamente na experiência cotidiana que os indivíduos constituem seus repertórios, constantemente ressignificados, para lidar com as narrativas midiáticas e travar com elas, e a partir delas, um processo de mútua afetação intrínseco aos atos sociais. De que outra forma um indivíduo poderia ser coautor de uma narrativa, uma vez que não se fala de recepção passiva; poderia garantir o “retorno ao vivido, à experiência”, desvinculado de seu cotidiano, se é justamente nele que o indivíduo se constitui?

4. Considerações finais

O embate entre as perspectivas pragmatistas e algo construtivistas acerca do acontecimento parecem interessantes para repensarmos, constantemente, a compreensão compartilhada do que é Comunicação, seja no espaço do senso comum, seja na filiação teórica das próprias pesquisas acadêmicas.

Longe de apresentar qualquer quadro conclusivo sobre os tensionamentos entre acontecimento e acontecimento jornalístico, especialmente diante dos nomes de peso

citados, que falam com muita propriedade de suas pesquisas, parece-nos que o mais interessante é continuar meditando sobre as possibilidades de as duas concepções coexistirem. Parece possível dizer que trata-se de duas visadas diferentes, mas que, quando tensionadas, podem propiciar discussões ainda mais verticalizadas do que quando tomadas em separado.

Referências

ANTUNES, Elton. Acontecimento, temporalidade e a construção do sentido de atualidade no discurso jornalístico. *Contemporânea*, vol. 6, nº1. Jun. 2008.

ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo. Mídia: um aro, um halo e um elo. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera. *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ARCQUEMBOURG-MOUREAU, Jocelyne. *Le temps de événements médiatiques*. Bruxelles: De Boeck, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

FRANÇA, V. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. Mead, In: PRIMO, Alex ET AL. (org.). *Comunicação e interações*. Porto Alegre, Sulina, 2008. P. 71-91.

FRANÇA, V. L. Queré: dos modelos da comunicação. In: *Revista Fronteiras, Estudos Midiáticos*. Vol. V, nº 2. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. *Galáxia*, v. 12. São Paulo: Online, 2012.

LEAL, Bruno. Saber das narrativas: narrar. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera. *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MEAD, G. H. *Mind, self and society – from the Standpoint of a Social Behaviorist* (Edited by Charles W. Morris). Chicago: University of Chicagp, 1934.

QUERÉ, L. D'un modele épistemologique de la communication à um modele praxéologique. In: *Réseaux* nº 46/47. Paris: Tekhné, mar-abril 1991.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: tomo I*. São Paulo: Papyrus, 1994.

SIMÕES, Paula Guimarães. O acontecimento e o campo da Comunicação. In: *Teorias da Comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas*. Org. FRANÇA, Vera Veiga; ALDÉ, Alessandra; RAMOS, Murilo César. Salvador; Brasília: EUFBA – COMPÓS, 2014.

SODRÉ, Muniz. O que é mesmo uma notícia? In: *ANAIS do XIV Encontro Anual da Compós*. Niterói: Compós, 2005.

11^o interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

SODRÉ, Muniz; SOARES, Raquel Paiva de Araujo. Sobre o facto e o acontecimento. Trajectos, Lisboa, v. 1, p. 95-101, 2005.